

JOANA ALVES DOS SANTOS
joana.ads@gmail.com
HUB 2050/ MINDSHAKE, PORTUGAL

COMO FAZER UM MEIO COMUNITÁRIO¹

A RadioActive101 Portugal² assentou na iniciativa e *input* científico de várias pessoas suportado em conhecimento académico e práticas de terreno. Estes *inputs* não são, no entanto, suficientes *per si* na construção de um meio – rádio – comunitário. Esta construção assenta na existência de uma comunidade de prática. A RA101 encontrou em Portugal estas comunidades na rede de projetos do Programa Escolhas.

O desenvolvimento da RA101 no âmbito do Projeto Catapulta, no Centro Histórico do Porto, e a co-coordenação da rede RA101 durante o período de 2016 ao final de 2018 conduziu-me às seguintes conclusões que, sendo evidentes, vale a pena realçar.

As pessoas são todas diferentes. Tanto os equipas técnicas como participantes (crianças e jovens) não têm todos as mesmas competências e interesses. Os projetos bem-sucedidos foram aqueles que respeitaram essa diversidade. É verdade que o projeto RA101 tem a ambição de desenvolver competências (nomeadamente a literacia mediática, leitura e escrita) mas o sucesso depende de começarmos ao contrário, da motivação à aprendizagem. Isto leva-nos à metodologia.

No Projeto Catapulta, a RA101 foi entendida como uma oportunidade de dar voz aos jovens, de representar de forma positiva as suas atividades e chegar à comunidade. Assim, numa primeira fase, procurou-se retratar o meio envolvente passando progressivamente a retratar a vida interna do próprio centro, atividades e aspirações dos jovens, recorrendo ao microfone como a ferramenta omnipresente em todos os momentos. Numa fase posterior, entendeu-se como útil a criação de um espaço/tempo dedicado exclusivamente a esta atividade, procurando ativamente a produção de emissões. Entendeu-se mais tarde que esta

¹ Joana Alves dos Santos foi monitora para a inclusão digital do Projeto Catapulta E5G/E6G e co-coordenadora da RadioActive101 (Portugal).

² Ver <http://pt.radioactive101.eu/2013/04/29/radioactive/>

estratégia limitava a criatividade, impondo limites rígidos a um grupo de jovens que privilegia a espontaneidade. No entanto, no contexto de um outro projeto, o Escolhe Vilar, este modelo revestiu-se do maior sucesso. Aqui a formalização da Hora da Rádio foi acompanhada pela formalização da responsabilidade que cada jovem assume, até na utilização das ferramentas tecnológicas, que é ensinada pelos jovens aos seus pares, gerando um efeito multiplicador autónomo (declarações do atual coordenador da RadioActive 101 e monitor de Inclusão Digital do Projeto Escolhe Vilar E7G de Vila D'Este, Vila Nova de Gaia, Teodoro Cardoso).

Entende-se, portanto, que o que é realmente relevante, particularmente nos processos de aprendizagem não-formal são os processos de transformação operados, pelo que o contexto ultrapassa a forma.

Ainda no capítulo relativo às condições para o desenvolvimento de uma rádio comunitária, é relevante referir os aspetos ligados ao equipamento. Na sua génese, o projeto RA101 assentou na premissa de equipar os centros de intervenção com o material essencial à realização desta atividade. Se é verdade que a existência de condições é uma ótima alavanca para os participantes e para os técnicos, é tão mais verdade que não é essencial. Mais uma vez, as condições de motivação intrínseca do grupo são mais condicionadoras do sucesso. A exemplo disso, temos um centro como o Projeto Cercar-te.

Este centro encarou a RA101 como uma plataforma para dar maior visibilidade às atividades desenvolvidas pelo grupo relacionadas com a música. A motivação das crianças e jovens era a possibilidade de participar no registo das suas produções. No entanto, este projeto não beneficiou inicialmente de um kit de rádio completo. Este fator não inibiu em nada a participação dos jovens (declarações do coordenador do Projeto Cercar-te E7G com intervenção no Bairro do Cerco, Porto, Nuno Ferreira), já que a possibilidade de partilhar com as famílias, através da rádio, o resultado do seu trabalho foi suficiente. Só muito recentemente foi possível completar este kit, mas este *upgrade* é o reflexo da necessidade de melhoria da atividade musical em si.

Chegando às conclusões, tendo passado pelas pessoas, metodologia, contexto e equipamento, falta referir ainda a questão da *divulgação*. Na RA101, felizmente um projeto/processo ainda em construção, foi possível constatar como a divulgação ou o seu *déficit* são determinantes.

Este é um aspeto onde a forma importa e a escolha das plataformas de disseminação é determinante para o sucesso dos conteúdos produzidos junto dos jovens e suas famílias. Tal como na construção da RA101 em si, o próximo passo é entregar aos participantes ainda mais esta responsabilidade.

Citação:

Santos, J. A. (2019). Como fazer um meio comunitário. In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.), *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar* (pp. 151-153). Braga: CECS.